

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS

LEITURA: SABERES E INCENTIVOS, REFLEXÃO DE LEITURA NA EJA

Autor: Salomão Ramos de Jesus

Orientadora: Prof^a. Kátia Fraitag

JUINA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

LEITURA: SABERES E INCENTIVOS, REFLEXÃO DE LEITURA NA EJA

Autor: Salomão Ramos de Jesus

Orientadora: Prof^a. Kátia Fraitag

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras”.

JUINA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Adilson Vagner de Oliveira

Prof. Dr^a Rosangela Manhas Mantolvani

ORIENTADORA

Prof.^a. Esp. Kátia Freitag

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus meu grande meu grande protetor, a meu pai que me ensinou a sempre buscar meus objetivos e não desistir jamais, e que de algum lugar sei que está orgulhoso por eu estar vencendo esta batalha.

Agradeço a minha mãe e minhas irmãs que sempre me apoiaram em todos os instantes.

Agradeço a minha professora e orientadora Kátia Fraitag, que vai ficar na lembrança, não somente pelos conteúdos literários que ensinou, ou pela dedicação e paciência que comigo teve durante a orientação deste trabalho, mas pela segurança transmitida ao mostrar que não devemos desistir no primeiro obstáculo encontrado pelo caminho, e sim seguir em frente em busca de nossos objetivos.

Agradeço a todos os professores que participaram me auxiliando nesta caminhada, professores: Adilson, Cláudio, Solange, Rosângela, Rafael, César que não apenas me passaram conteúdos e sim me ensinaram a buscar o conhecimento.

Agradeço aos meus colegas de curso, em especial a turma do fundão, exemplo de vida, amizade verdadeira e determinação equipe está formada pelos vencedores Emerson, Janderson, Jucéli, Mileide, Olga, Tatiane e eu Salomão é claro, que não fomos apenas amigos em sala de aula, ou nos finais de semanas nas confraternizações que fazemos, e sim verdadeiros professores e exemplos de vida onde aprendemos juntos que quando se tem união e objetivo não se tem espaço pra inveja e individualismo, se não fosse eles talvez eu não teria tido forças pra que até aqui chegasse.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus por ter me amparado no decorrer desta caminhada, a minha mãe, que me apóia e ao meu pai (in memoriam) pelo exemplo de força e determinação deixado.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo. PAULO FREIRE”.

RESUMO

Este trabalho é voltado para a importância da leitura como instrumento de integração do indivíduo na sociedade e facilitadora no processo de mudança social. A leitura não é apenas aquela que se aprende no contexto escolar e sim tudo aquilo que se vê, sente, ouve, desde que, expresse alguma forma e sentido ao indivíduo. Por isto deve ser olhada de maneira mais extensa, e não apenas como algo que é importante apenas para o cumprimento do currículo escolar, deve ir além de convencer o aluno a ler, mas mostrar a importância da leitura para o seu crescimento pessoal. Ler, permite um enriquecimento intelectual, conhecimentos culturais, faz com que a pessoa comece a sonhar alto e com isto a buscar novos horizontes, considerados antes impossíveis de serem alcançados.

Palavras-chave: Leitura. Sociedade. Importância. Professor

ABSTRACT

This work is focused on the importance of reading as a means of integrating the individual in society and facilitating the process of social change. Read is not just that you learn in the school context, but everything you see, feel, hear, since that express some form and meaning to the individual. So this should be looked upon more extensive, and not just as something that is important only for the fulfillment of the curriculum, must go further to convince the student to read, but to show the importance of reading for personal growth. Read allows an intellectual enrichment, cultural knowledge, does the person begin to dream big and thereby to seek new horizons, considered impossible to achieve before.

Keywords: Reading. Society. Importance. Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I	10
1 ESCRITA E LEITURA	10
1.1 CONCEITO DE ESCRITA	11
1.2 PERCURSO DA ESCRITA NO BRASIL	12
1.3 O QUE É LER	13
1.4 O QUE É LEITURA	15
1.5 NIVEIS DE LEITURA – SENSORIAL, EMOCIONAL E RACIONAL	17
1.5.1 LEITURA SENSORIAL	17
1.5.2 LEITURA EMOCIONAL	18
1.5.3 LEITURA RACIONAL	19
CAPITULO II	20
2 O QUE É UM LEITOR	20
2.1 LEITURA E CULTURA	22
2.2 O ENSINO DA LEITURA	23
2.3 A LEITURA NAS ESCOLAS ATUAIS	24
2.4 FATORES QUE INIBEM O DESENVOLVIMENTO DOS INTERESSES DE LEITURA	25
CAPITULO III	29
3 LEITURA, INTENSÃO E INCENTIVO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	29
3.1 ASPECTOS QUE DIFICULTARAM A FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL E RELAÇÃO EJA	29
3.2 ASPECTOS DA EJA NO MUNICÍPIO DE JUÍNA	31
3.3 PROJETO DE LEITURA: PODE DAR RESULTADO?	32
3.4 PROJETO LEITURA NO CEJA	34
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

A leitura até início do século passado não era tida como algo de tão grande dimensão como nos dias atuais, até então, somente as pessoas da alta sociedade é que tinham acesso a escrita e leitura, quem não pertencia a classe dos considerados da elite não conseguiam expor suas obras, pelo fato de serem considerados desprovidos de memória. Por um longo período na história do Brasil também foi negado o acesso à leitura. Porém não se pode achar que a falta da leitura é um problema cultural e fazer vistas grossas, pois se assim fizer estará contribuindo para a desvalorização e disseminação, pois é somente através da leitura que se toma conhecimento da história de civilização de um país ou povo.

Não se pode jogar a culpa da dificuldade de leitura em aspectos de desvalorização neste processo como, a falta de infraestrutura. Claro que se levar em consideração uma escola que não tem biblioteca, ou poucos livros, não vai ter o mesmo sucesso no ensino da leitura se comparado a uma que tem uma excelente biblioteca e livros de qualidade. Mesmo porque se a escola não tem uma biblioteca com uma ampla variação de livros que interessem aos alunos não tem porque visitar a biblioteca pra lerem os mesmos textos de sempre. Para vencer estes obstáculos é necessário a intervenção dos profissionais da educação, afim de que saibam como apresentar a leitura aos alunos, para que os mesmos não vejam esta ação como algo obrigatório ou avaliativo, muito menos que sejam constrangidos, pois assim sendo, aqueles alunos que tem facilidade em ler tornarão leitores ainda melhores, enquanto os que tem dificuldades, se afastarão ainda mais do mundo da leitura.

É praticamente impossível escrever, se quem escreve não tiver noção alguma de leitura, mesmo porque o que está escrito tem como finalidade permitir que alguém leia, por isto a importância de se preocupar sempre em manter uma escrita de qualidade com coerência e coesão onde todo o leitor possa compreender com facilidade ao ler, e a leitura também pode ser vista como um ponto facilitador no bom desempenho da escrita.

CAPITULO I

1 ESCRITA E LEITURA

A partir da oralidade, caracterizada pelos atos de falar e ouvir surge o mundo da escrita. Se no mundo da oralidade o homem se comunica através do discurso falado (com a presença ostensiva de dois ou mais interlocutores) no mundo da escrita a comunicação se estabelece a partir de documentos escritos e leitores. Segundo Luis Carlos Cagliari mais do que oral, o texto escrito oferece como informação “acabada”, na qual a defasagem de tempo entre a produção e recepção tende a dissolver a possibilidade de diálogo.

Escrita e leitura não são coisas que competem entre si e sim uma é a complementação da outra, “escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito” (CAGLIARI, 2010). A função da escrita, diferente do que muitos pensam, não serve apenas para transcrever um fato histórico ou uma informação. Um texto escrito por si só, é simplesmente um conjunto de letras que alguém pensou e pôs em prática, mas a partir do momento em que alguém o lê, o texto escrito passa de informação acabada e se transforma em centenas de possibilidades, criadas com base no texto. “Isto é: a escrita não fixa a linguagem oral, mas transforma profundamente o próprio autor, ao acabar de escrever seu texto morre como autor e transforma-se, ele próprio, num leitor” (SILVA, 2005, p. 63).

Segundo Cagliari (2010, p. 88) tudo o que se faz na vida é em busca de algum objetivo e este só se concretiza quando há em foco uma meta. Buscar construir algo, apenas por construir, sem ver naquilo nenhum tipo de aproveitamento é certamente desmotivador, na escrita e leitura não é diferente: se escrevemos alguma coisa é obvio que a intenção é de que alguém leia.

Uma das principais diferenças entre a escrita e a fala é que ao falar não há necessariamente a preocupação em seguir as regras formais da linguística e/ou da gramática, então podemos falar de acordo com a realidade do grupo social a que pertencemos, que ninguém terá dificuldade em compreender.

Fala e escrita se combinam em aspectos e o objetivo é ser compreendida, daí a importância da escrita ser formal comum a todos, pois vivendo em um país multicultural onde depara-se com pessoas de costumes variados, se cada um for escrever ao seu modo, a escrita se transformaria numa verdadeira parafernália, quem é da região Nordeste por exemplo, não conseguiria ter melhor entendimento sobre um texto escrito na região Sul, por carregarem em sua cultura da fala dialetos totalmente desconhecidos por quem mora na região do Nordeste, e isto é fácil de ser entendido, pois enquanto os nordestinos podem ter influência da cultura africana, a população do Sul pode ter seus costumes oriundos da Europa, daí a explicação de que a escrita mesmo sendo dinâmica não pode ser banalizada, pois a mesma tem a sua modificação pautada, não em um contexto regional, e sim de forma geral.

1.1 CONCEITO DE ESCRITA

A escrita tem a sua evolução pautada no desenvolvimento cultural, político e econômico de um povo. “A história da escrita vista no seu conjunto, sem seguir uma linha de evolução cronológica de nenhum sistema especificamente, pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética”. (CAGLIARI, 2010)

Segundo Cagliari, (2010) o estilo pictórico é representado pela utilização dos desenhos que tenham representatividade referentes a um objeto, que compõe a palavra da qual se faz referência. A ideográfica utiliza-se de sinais gráficos para transmitir uma palavra, ou o que está significado, dando assim sentido de interpretação. E a terceira, que é a alfabética, se iniciou com a perda de valor ideográfico dos ideogramas, que teve como pilar básico os silabários que eram um conjunto de sinais, os quais tinham a função representativa das sílabas, e que com o passar do tempo passou a ser vista como uma função puramente fonográfica.

1.2 PERCURSO DA ESCRITA NO BRASIL

“A escrita é considerada um marco de passagem de pré-história para a história.” (CAGLIARI, 2009)

Por muito tempo, a escrita teve o seu desenvolvimento comprometido, pelo fato de haver poucas obras escritas à disposição da população. As poucas obras escritas ficavam em poder de uma pequena minoria que, na época, era representada pelos “poderosos”, e também obras consideradas importantes eram mantidas em poder do Clero. Somente quem tinha grandes posses é que tinha acesso a essas obras consideradas importantes, e este é um dos motivos pelos quais a maioria dos autores brasileiros da época eram da elite.

Autores como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e outros, passavam boa parte do tempo viajando entre o Brasil e a Europa, o que dá para perceber que esses autores viviam, se não bem, ao menos razoavelmente bem, e de que a partir deste momento alguns autores já conseguem sobreviver da escrita.

É importante ressaltar que apenas após a vinda da Família Real ao Brasil, no início do século XIX é que se instala a imprensa no Brasil e dá-se a inauguração da Biblioteca Real, contendo aproximadamente 60.000 volumes. Assim, houve o incentivo aos escritores para a produção e impressão em solo brasileiro e a escrita publicada primeiramente aconteceu através de folhetins, distribuídos quinzenalmente nas casas e compunham um meio atrativo de informação e entretenimento. Mesmo assim, havia um pequeno grupo de leitores que se formava.

Autores que pertenciam a classe social baixa não conseguiam expor seus trabalhos, pois os que não pertenciam a um grupo social de elite eram considerados desprovidos de capacidade intelectual e assim sendo, não teriam condições de compor. E esta desvalorização ainda perdurou durante séculos.

E esses fatores anteriormente citados, contribuíram e muito com a não socialização da leitura e com o aumento das diferenças sociais, pois como disse Cagliari (2010) a leitura socializa o cidadão.

Somente a partir dos anos 50, o conceito de leitura desenvolveu-se tomando passos gigantescos, e isso pelo fato da mudança no contexto cultural, devido à transição de um país com características rurais para um país urbanizado e

industrializado. As indústrias começaram a ter necessidade de mão de obra qualificada e preparada para o mercado, juntamente com esta carência de material humano qualificado.

Com o fim do regime ditatorial que reprimia a liberdade de expressão das pessoas as quais impedidas de exporem a sua opinião, surge uma pequena luz ao fundo do túnel: pra quem necessitava de melhores oportunidades para ingressar no mundo da escrita, começaram a surgir grandes gráficas, onde traziam um material expresso muito mais rico pelo fato dos autores poderem transcrever as suas próprias opiniões, visto que com o fim da Ditadura Militar as pessoas passaram a ter liberdade de expressão podendo assim publicar suas obras independente de serem a favor ou não ao regime de governo pelo fato de não serem mais penalizadas por expressar o que pensavam. Isto foi um estímulo de grande importância para o mundo da escrita, a escrita deixou de ser vista como algo importante individual e passou a ser vista pela importância social.

1.3 O QUE É LER

Ler não é uma coisa formatada, algo como um objeto fixo, e sim uma interpretação de signos que podem ser relacionados a pontos de vista variados. Centenas de pessoas podem ler o mesmo livro e nenhum pensará exatamente igual, alguns podem até interpretar de maneira parecida, mas a forma de se expressar em relação ao texto será diferente.

Como relata Barbosa a seguir:

Ler é colocar questões a um texto: é um ato voluntário que evocamos previamente. É por isto que um texto pode ser compreendido de diversas maneiras. Pretender que exista uma única forma “correta” de interpretar um poema, um romance ou qualquer outro texto, é impedir que o leitor coloque as questões que deseja que seja cabíveis para ele; é, portanto, anular a construção de sua própria construção. (BARBOSA, 1991, p.118)

De comum acordo Cagliari (2010), descreve que ler é ir além da realidade vivida, ultrapassando as barreiras do senso comum, é construir uma outra realidade, onde os mitos deixam de ser mitos, as lendas de ser lendas, os sonhos deixarão de

ser sonhos e tudo se transforma numa realidade, não de presente ou de passado e sim de um futuro presente, mesmo porque o ato de ler é futuro, busca de conhecimento e descobertas de um novo mundo. Ler é voltar o olhar para um objeto ou pensamento e fazer com que o mesmo evolua, cresça a partir do próprio significado.

Conforme afirma Silva (1999), a formação do leitor depende de como a leitura é apresentada. Em todos os lugares há pessoas falando sobre a importância da leitura para a integração do cidadão na sociedade, porém, muito pouco se vê quanto a incentivos na prática, muitas escolas não tem sequer uma biblioteca, e as que têm, não possuem livros suficientes, os livros as vezes são ultrapassados deixando assim as bibliotecas parecendo mais um museu que um lugar de leitura, e mais complicado ainda, do que não ter biblioteca, ou serem defasadas, é que em muitas escolas os livros são mantidos bem longe da criança ou adulto que não tem a liberdade de pegá-los para ler quando sente vontade.

Quando os alunos vão às bibliotecas somente acompanhadas pelos professores e mesmo assim não tem a liberdade de folhear os livros que sentem vontade, as bibliotecas que deveriam ser um meio de formação de bons leitores, acaba sendo um instrumento de exclusão do contexto da leitura.

Ninguém aprende a gostar da leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo-os de longe, trancafiados numa prateleira - é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente 'livro', leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida (SILVA, 1999, p. 67)

Acrescenta Cagliari que:

Ler é um ato lingüístico que não se constrói de forma espontânea como acontece com a fala, isso pelo fato de a fala ser estruturada pelo próprio falante, enquanto fazer uma leitura é "condicionada" pelo texto tem que ser respeitada as regras gramaticais, respeitar as ideias do autor impregnadas no texto, isso pelo fato de a leitura ser uma estrutura posta pensada por outrem e não por quem lê, o que não impede que o leitor discorde das ideias do escritor e exponha o seu ponto de vista a respeito, desde que não fuja das ideias propostas pelo autor. (CAGLIARI, 2010, p.133)

1.4 O QUE É LEITURA

Ao falar em leitura para muitos é simplesmente o ato de pegar um texto, seja didático, científico, literário ou de qualquer tipo de expressão e decodificar o que ali está escrito, infelizmente é esta a concepção que muitos ainda têm sobre o que é leitura, é comum classificar as pessoas como as que sabem ou não ler, simplesmente pelo fato de saber assinar e decifrar o próprio nome, mas isto não é ser leitor é simplesmente ser alfabetizado, por conta desses conceitos ultrapassados é que nos deparamos cada vez mais com pessoas que não tem a mínima capacidade de compreensão sobre o texto que lê, dependendo do tipo de texto não consegue sequer decodificar o que ali está escrito, a prova disto é que a maioria das pessoas chega ao final do ensino médio sem conseguir ao menos conseguir entender sequer as explicações básicas de uma bula de remédio ou de um manual de eletrodomésticos.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” incapazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (PCNs, 2000, p. 54)

Segundo corrobora Aguiar (1979), leitura é saber observar as idéias do autor e a partir delas fazer uma interpretação adequada, não focalizando apenas no que se diz o autor muito menos apenas com sua opinião própria de leitor, e sim fazer uma junção de seus conhecimentos prévios adquiridos anteriormente a leitura e fazer uma interpretação avaliativa de modo crítico, fazendo uma associação lógica da realidade do autor com base na época em que o texto foi escrito e o contexto político e cultural da época em que se lê.

Conforme Bamberger (2000), diferente do que se pensava da leitura há algum tempo, a leitura era vista apenas como um instrumento no qual se podia receber algum tipo de informação, hoje a leitura não é vista apenas como reconhecimento de gráficos e sim da sua transformação. Esta transformação exige que o cérebro, diante das informações textuais, consiga armazenar as informações

colhidas e fazer com que as mesmas tomem forma, saindo do mundo da codificação da leitura e alcançando um nível de criticidade. Fato este que só é possível quando se tem o hábito de ler constantemente, o fato de ler com uma certa linearidade faz com que a capacidade de armazenamento das células cerebrais aumentem e junto com ela a capacidade de assimilação do que se busca:

A leitura no contexto geral, sempre foi considerada apenas como algo que servia pra captar algum tipo de mensagem, como processo de decodificação de símbolos, mas pesquisas na área de leitura contribuíram, para que a leitura fosse vista com uma amplitude muito mais significativa cognitivamente, pelo fato de a mesma ter uma ampla contribuição com o desenvolvimento mental, pois durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais (BAMBERGER, 2000, p.10).

Conforme os PCNs de língua portuguesa (2000), a leitura é um meio em que o leitor faz um trabalho de reconhecimento e construção do significado do que está escrito no texto: com base no seu conhecimento prévio sobre o assunto, a partir do objetivo pelo qual está lendo, busca sobre a história do autor, procurando entender o motivo do autor ter escrito a obra. E ainda na leitura é indispensável saber aplicar com responsabilidade o conhecimento sobre as regras da língua, evitando vícios de dialetos e interpretações erradas de palavras ou frases que podem ter duplo sentido.

Afirma Bamberger (2000) que o ensino da leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, que compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de tudo, é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem os símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção em que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. Para todas as finalidades práticas, tais processos não podem separar-se um do outro; fundem-se no ato da leitura.

Ainda segundo o autor, leitura não é um fato específico isolado, sendo assim dizer que leitura é apenas reconhecimento de símbolos seria um erro, é claro que o reconhecimento dos símbolos faz parte do conjunto, pois quando se fala da leitura escrita é de primordial importância que a pessoa aprenda a decodificar os símbolos

escritos, somente após este estágio é que a mesma passa para a fase de conseguir formar os seus próprios conceitos intelectuais. Conceitos estes que tendem a aumentar a partir do momento em que o indivíduo começa a fazer uma interpretação compreensiva com maior ênfase pautada em um conjunto de ideias de “unidades de pensamentos cada vez maiores”. Ao fazer a leitura de um texto não se pode voltar o pensamento para apenas capturar as ideias do que o autor pretende dizer, mas também fazer uma interpretação geral não apenas do que está escrito como também o que está implícito. As ideias postas pelo autor não estão ali para serem seguidas fielmente pelo leitor, e sim, para que sirva de apoio para orientar-se e dar seguimento a partir do que se foi analisado.

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

A leitura é responsável pelo crescimento contínuo da linguagem, se não fosse a leitura, a linguagem não se modificava com tanta velocidade pois não se teria uma fonte onde focalizar para que pudesse fazer as comparações. Boa parte do desenvolvimento exagerado que se tem nos dias atuais devemos ao avanço da leitura.

Quando não se dava ênfase a leitura, se passava séculos sem que houvesse nenhuma modificação histórica. É também a responsável pela fixação do comportamento do ser humano, é através do acesso a leitura que a pessoa que toma conhecimento da cultura de seu país, da história da sua família, ou seja, da sociedade.

1.5 NIVEIS DE LEITURA – SENSORIAL, EMOCIONAL E RACIONAL

1.5.1 LEITURA SENSORIAL

Conforme Martins (2006), a leitura sensorial é uma leitura que acompanha o ser humano no decorrer de sua sobrevivência, está presente nas leituras lúdicas através das imagens que podem agradar ou não, dependendo do gosto pessoal. Por

exemplo, quando usamos a audição para que possamos fazer a leitura de uma música. Também temos como exemplo a leitura feita pelos deficientes visuais através do Braille, captada através do tato, e também a leitura feita pelos surdos cuja comunicação se dá através dos gestos. Um exemplo de leitura sensorial, são os momentos iniciais da relação da criança com o mundo:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam (...) uma superfície áspera desagradada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como que se integram à nossa pele. E o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler. (MARTINS, 2006, p.11)

1.5.2 LEITURA EMOCIONAL

Conforme afirma Martins (2006), a leitura emocional pode acabar sendo um pouco superficial, ela traz muitas armadilhas, que acaba atraindo o leitor a fazer a leitura de modo emocional, como se aquele fato tivesse ocorrido consigo, e quando isto acontece a pessoa não consegue fazer uma interpretação do que lê. É comum confrontos com fatos assim em casos que tomam grandes proporções, devido a grande exposição na mídia, como em casos de tragédias naturais onde milhares de pessoas ficam sem moradias ou perdem a vida, ou também em casos de assassinatos hediondos, as pessoas se revoltam e não conseguem ver o caso com um olhar racional, apenas emocionalmente.

Certas pessoas, situações, ambientes, coisas, bem como conversas causais, relatos, imagens, temas, cenas, caracteres ficcionais ou não têm nossa fantasia, libertar emoções. Vêm ao encontro de desejos, amenizam ou ressaltam frustrações diante da realidade. Levam-nos a outros tempos e lugares, imaginários ou não, mas que naquelas circunstâncias respondem a uma necessidade, provocam intensa satisfação ou, ao contrário, desencadeiam angústia, levando à depressão. Tudo se passa num processo de identificação: não temos controle racional sobre isso, pelo menos naquele momento. (MARTINS, 2006, p. 49)

Leitura emocional é aquela em que o leitor se deixa levar pelos fatos, onde o leitor não tem capacidade de interpretação do contexto de acordo com a realidade deixando levar-se pelo calor dos acontecimentos, onde ele não interpreta com a razão e sim com o coração, a leitura emocional independe se os fatos são negativos ou positivos. Quando positivos o leitor deixa se levar pelas emoções, sentimentos de prazer e satisfação, já quando lê um fato negativo é como se fosse parte integrante da história isto pode causar desespero, e sucumbi-lo em um mundo depressivo.

1.5.3 LEITURA RACIONAL

Segundo Martins (2006) a leitura racional possibilita ao leitor fazer uma reflexão sobre os demais níveis de leitura, possibilita que o leitor possa fazer uma reflexão sobre o texto lido com a realidade por ele vivida, permite que compreenda o que está escrito implicitamente utilizando de suas experiências adquiridas e possibilitando a adição de novos conhecimentos, contribuindo assim para que se possa fazer uma reflexão facilitando a assimilação dos seus conhecimentos internos com o mundo social que o cerca.

CAPITULO II

“SER OU NÃO SER UM LEITOR, EIS A QUESTÃO”

2 O QUE É UM LEITOR

Ao falar em leitor logo vem a mente, que nada mais é do que aquele que lê com uma certa freqüência, porém o simples fato de ler não significa ser leitor e sim simplesmente um “ledor”. O leitor é aquele que consegue ir além das entrelinhas, ir além dos ideais do autor, e partir do que ali está explícito formar o seu próprio ponto de vista sem deixar de ser coerente com o sentido.

O leitor é aquele que consegue fazer uma boa interpretação das entrelinhas textuais, e aquele que usa o que está implícito no mesmo para expor as suas próprias ideias, sem fugir do que está dito no texto.

Muito se fala em incentivar o hábito de leitura, e que o leitor deve ver o texto com criticidade, mas nem sempre se alcança os resultados almejados, pelo fato de se trabalhar muito a decoração e não o ponto de vista de cada um.

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à reprodução eterna das crises e à naturalização da tragédia e da barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social. Leitores ingênuos, pessoas impassíveis diante das contradições sociais e acostumadas à ótica convencional de perceber os fatos, muito provavelmente permanecem felizes em exercer a sua cidadania “de meia-tigela”, a bem daqueles poucos que detêm os privilégios. (SILVA, 1998, p.33)

O leitor crítico é aquele que não lê apenas o que está explícito no texto mas busca interpretá-lo de acordo com o contexto social no qual é apresentado, sendo um texto de violência, saber analisá-lo de maneira racional tentando compreender muito além do que está implícito, sem olhar apenas para o fato acontecido em si

mas tentar compreender o que levou a alguém cometer tal barbárie. Sendo que “os processo de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social” o leitor crítico é aquele que não deixa se levar por idéias impostas pela mídia ditatorial manipuladora de opiniões, manipulação esta que não tem efeito algum sobre aqueles que lêem com racionalidade.

As motivações para a leitura e os interesses por ela diferem não só para os vários grupos de idade, mas também para cada tipo particular de leitor. A tipologia se baseia nas técnicas de leitura, na intenção ou na preferência por determinada espécie de material de leitura. Pode ser considerada como um novo campo de pesquisa, cujas conclusões são importantes para a motivação e a formação de hábitos de leitura. (BAMBERGER, 2000, p. 35)

É uma tarefa bastante árdua apontar um livro como melhor ou pior, isso não significa dizer que não tenha obras literárias com qualidade, superior a outras, porém tem que ser observado que tudo depende da intencionalidade da qual se faz a leitura. Enquanto uns lêem com o objetivo de ampliar seus conhecimentos, outros lêem apenas por diversão, enquanto o primeiro ao ler um jornal busca atentamente notícias informativas, sobre política, economia, segurança ou até mesmo desastres naturais de grandes proporções, para que possa ficar informado dos acontecimentos do dia a dia, outros lêem apenas como passa tempo. Tem ainda os que lêem com um olhar voltado pra estrutura do texto e os que querem apenas fugir da realidade e por isto preferem textos de fantasias como os contos de fadas e histórias em quadrinho com o intuito de adentrar em um mundo fantasioso, refugiando assim dos problemas do dia a dia. Há aqueles que preferem olhar o texto indo além das entrelinhas, independente de que tipo de texto seja, olhando a partir do seu ponto de vista.

Segundo Silva, (1998) um mesmo tipo de leitura realizada, por exemplo, por duas pessoas interessadas em informação, ainda é feito de maneira totalmente diferente, mesmo porque o modo de pensar do ser humano diferencia-se de um para o outro e apesar de pertencer a mesma espécie os seres humanos são indivíduos ímpares e se somado ainda, às diferenças culturais e sociais de cada um, essa desigualdade de sentidos toma rumos ainda mais alarmantes.

2.1 LEITURA E CULTURA

Segundo Cagliari, (2009) não se pode pautar o conteúdo curricular da escola direcionado apenas ao mundo social e cultural do qual supostamente a criança (neste caso também se enquadra o jovem e o adulto) está inserida, pois assim fazendo estará tirando o direito da mesma de adquirir novos conhecimentos, não é porque uma criança nasceu no Brasil que se deve passar apenas conteúdos voltados para os animais da Floresta Amazônica ou do Pantanal, ao invés de animais da África, ou da Austrália, mesmo porque o fato de a mesma ter nascido no Brasil, não significa conhecer os animais apenas destas regiões, e não poder conhecer sobre a fauna de outros países. Muitos profissionais da Educação incorrem neste erro com a justificativa de estarem incentivando as crianças a valorizarem a sua cultura regional, mas ao contrário do que muitos pensam, mostrar a cultura de outros países, não faz com que abandonem a sua cultura e sim, a convivem com uma diversidade cultural diferente daquelas que convivem diariamente.

Outro aspecto da questão diz respeito à verdade dos livros. Algumas pessoas são levadas muito facilmente a acreditar em tudo o que lêem, como se quem publicasse um livro fosse uma espécie de “dono do saber”, infelizmente, não é bem assim. A publicação, às vezes, é mais um jogo econômico, uma máquina de ganhar dinheiro, do que um depósito de cultura e saber.

Dadas as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, por tanto, ao livro. A grande massa da população, sem condições de estudar, sempre aderiu aos meios diretos de comunicação, que não exigem educação formal para a sua recepção. Daí talvez, o sucesso do rádio e da televisão no contexto brasileiro e na maioria dos países subdesenvolvidos. O lazer proporcionado pela leitura ficar restrito àqueles que tiveram e que têm acesso à escola de forma privilegiada, isto é, à escola que aponta para o significado e para a referência. E como este tipo de escola não é constituído para o povo em geral, a leitura torna-se um bem ou um privilégio a ser desfrutado na maioria das vezes elites. (SILVA, 2005, p. 37-38).

Conforme afirma Silva, (1999) a leitura é uma prática social e que o sucesso desta depende não somente da vontade do indivíduo, mas principalmente pelos costumes daqueles que o cercam. Se a pessoa vive em um ambiente onde presencia a leitura, certamente terá uma melhor afinidade com leitura do que quem

não presença, por isto que uma pessoa da área urbana que tem acesso a: jornais, revistas, livros, rádios, televisão e internet, gosta de ler com mais intensidade do que aquele que mora na zona rural, onde muitas vezes não há sequer um livro para ler, muito menos jornais para que possa acompanhar as notícias do dia a dia.

Entende-se então que ninguém é predestinado a gostar ou não de leitura, o que faz com que a mesma seja ou não uma pessoa leitora, são as condições oferecidas pelo meio social em que vive.

Temos que entender de uma vez por todas que a leitura não é uma função que nasce e se desenvolve devido a um dom, vocação ou talento de um indivíduo. A leitura é uma prática social que, para ser efetivada, depende de determinadas condições abjetivada, presentes na sociedade como um todo. Ninguém é avesso à leitura, por natureza: a pessoa pode isto sim, ser levada a detestar a leitura. (SILVA, 1999, p.120)

2.2 O ENSINO DA LEITURA

De acordo com FREIRE, (1996) o conhecimento não pode ser transferido ao outro como se fosse um produto. Conforme afirma a seguir:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, p. 21)

Segundo FREIRE (1996) O ensino da leitura está entre as mais importantes tarefas para as escolas desempenharem, não sendo apenas uma responsabilidade dos pais ou dos professores, mas também de toda coordenação da escola juntamente com a sociedade, pois sendo a leitura um ato social, é preciso de que todos se envolvam nessa tarefa, para que assim o aluno perceba o quanto a leitura será de suma importância para o seu crescimento quanto ser social.

A participação dos pais para com a contribuição no desenvolvimento da leitura dos filhos é primordial, o simples fato de uma mãe sentar para contar histórias para o filho mostrando lhes a figura dos desenhos nas páginas dos livros, ajuda com que o mesmo não seja apenas um leitor ouvinte, mas também um leitor visual. É

comum ouvir dizer de que as famílias não fazem isto pelo fato de conviverem em um contexto social onde a maioria são semi-analfabetas, pra que uma mãe faça isto ela não precisa saber ler fluentemente, mesmo porque, quando se fala em leitura não significa estar falando da leitura escrita, não basta apenas que saiba escolher os livros de conteúdos adequados de acordo com a idade ou capacidade de entendimento da criança, pode incentivar a leitura também através dos programas de TVs, dos jogos do final de semana onde o pai junto com o filho faz a leitura dos lances mais importantes durante o jogo, como também por meio de jogos de dominó, dado, quebra cabeça e outros, desde que sejam jogos criativos e que façam com que as crianças desenvolvam algum tipo de esforço cognitivo.

Já o professor para contribuir com a formação do aluno leitor em primeiro lugar, deve pensar que "ler não é transferir conhecimento" como dito anteriormente. O professor não necessariamente tem que gostar de ler, para que possa ensinar, mas tem a obrigação de transmitir ao aluno a importância da leitura, de que não é importante apenas para o seu contexto escolar, mas também ao seu dia a dia, por isto que o professor tem que mostra-se interessado no que os alunos lêem, ler para os alunos como se ele estivesse no contexto da história, mesmo porque as crianças costumam se inspirar nas pessoas mais próximas à elas, e estes espelhos normalmente são seus pais e seus primeiros professores, ou ainda, professores das disciplinas pelas quais tenham mais facilidade de assimilação, daí a importância de todos trabalharem em torno do incentivo a leitura e não apenas os profissionais das áreas de linguagem. Lembrando que este incentivo deve se estender não apenas às crianças, mas, para os adultos também, haja visto que na atualidade, há este acesso.

2.3 A LEITURA NAS ESCOLAS ATUAIS

Atualmente é comum em todos os segmentos da educação ouvir falar sobre a importância da leitura para o desenvolvimento do cidadão, mas infelizmente na maioria das vezes esta preocupação aparente não passa de falácias. Mesmo sabendo da necessidade de investimento em leituras, muitas escolas e educadores ainda deixam o ensino da leitura em segundo plano, se preocupam mais em como o aluno escreve do que como ele lê, passando regras gramaticais, cobrando que

aplique de forma adequada os sinais de pontuação e coerência, no sentido literal da palavra o que se transforma em uma incoerência no sentido literal da palavra, pois pra se escrever bem é necessário que se tenha incentivo à leitura tendo assim um bom desempenho de interpretação. Somente quem tem entendimento daquilo que lê consegue desenvolver uma escrita com coerência e pontuação adequada. Sabe-se que há outros fatores que colaboram para que haja a concretização deste incentivo à leitura nas escolas, como infra-estrutura, recursos, porém, preferencialmente discute-se o papel do educador e escola neste processo:

A escola não tem levado em conta a existência desta escrita diversificada e a evolução das diversas modalidades de leitura. Ao contrário, a escola continua se preocupando exclusivamente com um modelo imutável de leitura, voltada somente à escrita dos livros, à escrita literária. (BARBOSA, 1991, p. 115).

A todo o momento se faz leituras importantes no dia-a-dia, seja numa placa de transito, ou do ônibus que é preciso pegar para ir ao trabalho. Muitas pessoas não têm muito acesso a leitura. Não é difícil chegar a esta conclusão, basta olhar a vivência diária de um trabalhador rural que passa o tempo todo fazendo leitura, ao analisar um tipo de solo é uma leitura que faz, como também faz leitura do tipo de semente a ser ali cultivada, do clima, época ao qual plantar de acordo com a leitura da lua, do clima... E dificilmente tem acesso a escrita devido a dificuldade de acesso à jornais, e livros, para muitos as únicas leituras das quais tem acesso são leituras dos manuais de equipamentos agrícolas com os quais trabalham no cultivo. Portanto, a importância de dar mais ênfase para a leitura, Pois talvez seja ela a responsável em socializar a escrita. Tendo em vista os apontamentos anteriores é importante.

2.4 FATORES QUE INIBEM O DESENVOLVIMENTO DOS INTERESSES DE LEITURA

Nos dias atuais, é comum ouvir falar na importância de incentivar o hábito da leitura desde as séries iniciais, o problema é que as vezes são utilizados métodos ineficientes, que ao invés de despertar o gosto pela leitura acaba fazendo com que os afastem ainda mais dos livros.

Conforme afirma Bamberger (2000) a precariedade das bibliotecas em grande parte das escolas é um dos fatores que contribui para o desinteresse pela leitura, a quantidade de livros oferecida nas escolas às vezes é insuficiente, e com isto as crianças na maioria das vezes não tem a oportunidade de ter acesso a livros e textos que gostariam de ler, e simplesmente são submetidos a leitura repetitiva e respondendo as mesmas perguntas sobre o que já sabem. “A leitura de novos textos é a única maneira de estabelecer uma relação entre leitor e ouvinte e o interessado pelo conteúdo”.

Em todas as atividades que realizadas no decorrer do dia a dia, desempenha-se melhor aquelas atividades em que se tem afinidade. Se a pessoa gosta do seu trabalho, tem amor pelo que faz, é sinal de que o ambiente de trabalho é um lugar que lhe agrada. O ensino da leitura não pode ser diferente, o aluno tem que se sentir à vontade, e o mesmo jamais deve iniciar uma leitura com medo de cometer algum deslize, ele precisa acreditar na sua capacidade, é neste momento que o professor deve exercer o seu papel de auxiliador, passando tranquilidade para que ele tenha mais credibilidade no ato da leitura.

Os professores, muitas vezes, corrigem de pronto (ou deixam que outros alunos o façam) todo e qualquer erro cometido na leitura oral. O leitor, portanto, fica tão preocupado com a possibilidade de errar que não pode pensar no significado do texto. Sendo assim os erros podem ser discutidos depois de concluído o trecho, dando-se maior ênfase aos conselhos de ordem geral do que aos erros isolados.

O professor deve tomar muita cautela para que os demais alunos não constranjam os companheiros que cometem falhas na hora em que estão lendo, para que o aluno não se sinta constrangido, perante os demais, pois isso acontecendo a criança não se sentirá mais a vontade em ler diante dos demais colegas de sala.

Segundo Cagliari, (2010) um dos fatores que inibem o desenvolvimento do gosto pela leitura é o fato de muitas vezes o professor apontar para o aluno o livro ou texto que pense ser mais importante, como se o conteúdo importante pra um, também fosse de interesse do outro, ou se tivessem os mesmos objetivos em comum, não lhe dando a oportunidade de escolha dos conteúdos que queira ler. Não pode-se negar que existem livros de conteúdos mais ricos e outros que não trazem

explicitados em seu contexto nenhuma contribuição direta ao aprendizado, mas isto não significa dizer que aquele que lê uma informação científica terá uma assimilação superior àquele que ler um livro poesias ou de literatura de cordel, por exemplos.

Ao fazer isto ao invés de contribuir com o ato de ler do indivíduo, o educador acaba fazendo com que tenha um retrocesso de leitura, principalmente quando se trata daqueles que gostam de ler livros que são taxados por seus educadores como livros supérfluos, com isto os usuários deste tipo de conteúdo acabam se sentindo menosprezados juntamente com os conteúdos por eles lidos.

Isso é um fato presenciado nas salas de aula quando o professor pergunta quem já leu determinado livro a resposta da maioria pode ser positiva, mesmo que jamais o tenha lido, muitos não tem coragem de dizer que leu uma revista desconhecida, pois sabe que certamente alguém vai fazer alguma brincadeira, até mesmo nas próprias escolas muitas vezes os livros são escolhidos pela marca e não pelo conteúdo.

Conforme Bamberger, (2000) o modo de como é feita leitura também pode influenciar negativamente sobre o interesse do leitor, por vezes o professor até faz a leitura na sala de aula, mas é como se não a fizesse, pelo fato de não saber como realizar a leitura na sala de aula, costumeiramente é feita de maneira seqüencial, onde cada um faz a leitura de um trecho, um pós o outro isto faz com que os alunos não se concentrem no conteúdo, muito menos tente interpretar o que o diz o texto, isso porque eles tem medo de no momento em que o professor lhes chamar para a realização da leitura, eles não saibam o local onde o colega parou.

Isto mostra o quanto este tipo de leitura as vezes acaba prejudicando ao aluno, pois o mesmo não pode parar, para fazer a anotação de um trecho que achou importante, pois se assim o fizer, perderá o local onde o colega está lendo, o que seria na concepção de muitos educadores uma falha grave.

Acreditar que ensinar a leitura apenas de uma forma, de maneira técnica como se fosse algo formatado, como se todos tivessem o mesmo ponto de vista, ou a mesma facilidade de entendimento, pode ao invés de incentivar fazer com que se distanciem ainda mais dos livros, muitas vezes alguns conteúdos são passados para as crianças como se estas tivessem a mesma estrutura de entendimento de um adulto.

As crianças não são “adultos em miniatura” e, por isso mesmo, as motivações baseadas na razão são quase todas ineficazes. entretanto, não se leva em consideração, muitas vezes, a predominância do “impulso para brincar” nos primeiros anos de escola. aqui se cometem erros principalmente pela ênfase excessiva dada aos exercícios de habilidade na leitura. (BAMBERGER, 2000, p. 54)

Segundo Bamberger (2000) um dos grandes problemas é que na maioria das vezes as crianças são tratadas como se fossem pessoas adultas ainda em crescimento, desde muito cedo, busca-se formatar a criança em um adulto, acha muito engraçado, quando vê uma criança de dois ou três anos toda de terno, não vêem esta criança como um menino que está bem trajado, mas sim como um homem, esquecendo assim que para os adultos ela está bem vestida, mas que a criança na maioria das vezes não, pois o desejo dela naquele momento é ir brincar na areia juntamente com as demais de sua idade, e estes modos de tratamento não fica restrito somente aos lares familiares, mas também estão inseridos no sistema educacional que ao invés de fazer brotar nas crianças o desenvolvimento pelo hábito da leitura, acabam contribuindo para com a inibição do desenvolvimento de leitura, deve-se pelo fato de olhar para as crianças como se elas tivessem as mesmas habilidades técnicas e costumes das pessoas adultas, como se elas já soubessem quais exatamente são os seus objetivos; apresentam às crianças já no início da vida escolar trabalhos que trazem uma formatação de conteúdo, buscando apresentar à criança o conteúdo técnico como sendo o único ensinamento capaz de preparar a criança para a vida profissional e social, acham que mesclar o tempo de conteúdos técnicos com conteúdos de divertidos é perda de tempo, e com isto as afastam cada vez mais, do interesse pela leitura.

Ainda se junta a tantos outros problemas de leitura, o fato do professor não valorizar as leituras que as crianças lêem em casa, “ignorar a leitura particular da criança é limitar o contato entre ela e o professor”, os professores valorizam muito as cartilhas escolares estão sempre apresentando estes textos aos alunos, e esquece que os livros por eles lidos em casa, ou os textos por eles criados têm tanto valor quanto os da escola, debater na escola a respeito das leituras dos mesmos feitas em casa, seja como tarefa, ou por livre arbítrio da criança, além de incentivar quem fez a leitura, despertará também, nos demais alunos, desejo de lerem para também expor aos demais seus pontos de vista.

CAPITULO III

3 LEITURA, INTENSÃO E INCENTIVO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

“Educadores e grupos populares descobriram que a Educação Popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância: refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar na direção de objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em Possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua compreensão do mundo. Dessa forma são tão importantes para a formação certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que façam de sua realidade concreta.”

Paulo Freire

3.1 ASPECTOS QUE DIFICULTARAM A FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL E RELAÇÃO EJA

Diante dos problemas econômicos sofridos no país, que o tem afligido desde a sua descoberta, estes têm afetado diretamente a educação brasileira, pois com a necessidade de trabalhar em busca do sustento da família, muitos pais retiraram seus filhos da escola ainda no início do ciclo escolar, ora por morarem distante das escolas, ora por terem que migrar pra outras regiões em busca de melhorias, ou simplesmente por razões de mão de obra no sustento familiar.

No Brasil, viveu-se um período conhecido como tempo da Revolução Industrial, a partir do ano de 1930. Levando em consideração este período, percebe-se que houve um predomínio no que diz respeito ao trabalho, nas indústrias de modo geral, conseqüentemente pode-se levantar a questão de que aqueles trabalhadores são os pais e avós de uma geração que talvez tenha sido impedida de estudar devido a mentalidade de posição de necessidade entre o trabalho – sustento – e educação, privando pessoas de estudar pelo argumento da necessidade de mão de obra em que não era preciso estudo. Mas o tempo passou e atualmente algumas

peessoas receberam a oportunidade de estudar, mesmo fora da idade indicada, pela necessidade atual.

Mesmo porque o país tinha características predominantemente rurais, e culturalmente as pessoas não tinham a educação como algo importante para o desempenho de seus trabalhos, e talvez por este motivo não investissem. Mas com a chegada da industrialização e junto com ela a globalização, o mundo tornou-se mais competitivo e com isto as indústrias começaram a necessitar de mão de obra qualificada. E por isto aqueles que não tinham estudos começaram a ser excluídos da área de trabalho, surgiu então a necessidade de qualificar estas pessoas para o mercado de trabalho. Assim houve a necessidade daqueles que não sabiam ler e escrever em voltar a uma sala de aula. A EJA – Educação de Jovens e Adultos - criou esta possibilidade, com isto foi criado um sistema de alfabetização de jovens e adultos conhecido por MOBRAL, mas com o crescimento Industrial e com a chegada de novas tecnologias este tipo de ensino em que estava voltada a decodificação das letras, ficou ultrapassado.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos: se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos, escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (FREIRE, 1989, p.19)

O conhecimento de vivência adquirido pelo aluno adulto é importante para ser levado em consideração no ambiente escolar, até mesmo como método facilitador da aprendizagem, porém não é suficiente para que o mesmo possa atuar como um ser social, é preciso ter algum conhecimento técnico, por menor que seja, capaz de influenciar a pensar e atuar criticamente sobre seu conhecimento.

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois, sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e desse modo, produzir, ele também, um conhecimento. (BARBOSA, 1990, p. 28)

Começou-se a ver esta educação, além de uma simples alfabetização, preocupada o conhecimento da palavra, passou agora a ser vista como transmissora

de conhecimentos, onde não é observado isoladamente nem a leitura de mundo nem a leitura escolar, e sim a construção que se faz a partir destes conhecimentos.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (FREIRE, 1989, p. 19)

3.2 ASPECTOS DA EJA NO MUNICÍPIO DE JUÍNA

Para diminuir o número de analfabetos no Brasil, foram criados vários cursos de alfabetização para pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar em idade considerada adequada, assim foram criados cursos de suplência como, por exemplo, o instalado em Juína no ano de 1985: Núcleo de Estudo Supletivo (NES), que teve um aumento da demanda e justamente por este aumento significativo e também pelo fato de deixar de receber alguns benefícios, a sua denominação mudou para “escola” em 1993: Escola Estadual de I E II Graus Alternativa e que perdurou até 21/08/2008, através do decreto Governamental de nº 1.530, quando a escola Alternativa passou a denominação de centro: Centro de Educação de Jovens e Adultos Alternativo (CEJA), ao qual permanece até hoje denominado. Cursos estes que passaram a ser chamados de EJA (Educação de Jovens e adultos).

Em Juína, não foi diferente a necessidade de suprir de mão de obra do mercado com pessoas qualificadas, assim é que surgiu a (EJA) Educação de Jovens e Adultos, que teve diferentes projetos anteriores como o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), por exemplo, que visava apenas alfabetizar estas pessoas.

A EJA, busca ir além da alfabetização, não tem o objetivo apenas de ensinar a ler ou escrever e sim, de torná-los cidadãos críticos, ao invés de fazer das mesmas, um depósito de informação, propõem ensiná-las a ser construtoras de seu próprio conhecimento, formadoras de ideias, e isto só deu certo porque a EJA, procura ensinar a partir do contexto social em que o aluno está inserido, pois é muito

mais fácil fazer com que eles contextualizem os ensinamentos, já que devido a idade avançada, este tenha uma ampla experiência da leitura de mundo.

“Art. 9 – O Centro de Educação de Jovens e Adultos - Alternativo tem como concepção de educação, desenvolver os processos formativos do educando: na convivência humana; na intelectualidade; na cultura, na política; vinculá-lo ao mundo do trabalho e à prática social.” (Regimento Escolar CEJA, 2010, p. 01)

3.3 PROJETO DE LEITURA: PODE DAR RESULTADO?

Sabendo da necessidade de ampliação do conhecimento e da importância da leitura como ferramenta primordial, na aquisição de conhecimento e da preocupação e do objetivo do CEJA- Centro de Educação de Jovens e Adultos, que é retirar estas pessoas da situação de marginalizados sociais, a professora Iramaia Almici, que na época era coordenadora juntamente com a também coordenadora Cristiane Rosa, desenvolveram um trabalho voltado à importância da leitura.

Em entrevista com a professora Iramaia Almici, que respondeu a um questionário sobre o Projeto que desenvolveu no CEJA Alternativo de Juína, conta como tudo aconteceu.

Após verificarem a grande dificuldade dos alunos, de compreensão principalmente, por não saberem interpretar qualquer conteúdo desde um problema de matemática aos textos de língua portuguesa ou de ciência, biologia enfim, identificaram que o perfil do aluno da EJA é na maioria trabalhadores, do comércio, das indústrias, madeireiras e donas de casa e ainda pelo fato de que os alunos do CEJA, diferenciam-se de alunos de outros colégios por serem compostos em sua maioria por pessoas em idade adulta, sendo que em uma mesma sala há alunos com 20, 30, 40, 60, 70 anos, que não tiveram a oportunidade de estudo na época considerada adequada e que estão aprendendo a ler somente agora, e ainda, alunos oriundos de outros colégios, que reprovaram ou que foram expulsos de outros estabelecimentos de ensino e que em sua maioria eram problemáticos, Por esses e outros motivos somados é que a professora resolveu investir no Projeto Leitura. Primeiramente o trabalho foi de cunho investigativo. Segunda a professora Iramaia Almici, as discussões para a implantação do projeto iniciaram-se desde o

início do ano de 2008, o primeiro e segundo trimestre foram de discussões, seleção de material, adequação do projeto, porém a implantação do projeto de fato se deu a partir do terceiro trimestre, sendo que, no CEJA, as aulas compõem-se de três áreas: linguagem, humanas e exatas, uma em cada trimestre durante o ano.

O projeto leitura ganhou força a partir de reuniões com os professores que discutiam em pauta a imensa dificuldade dos alunos em interpretação de textos, ocorrido pelo fato da maioria dos alunos terem passado vários anos fora do contexto escolar, e que talvez por este motivo encontram dificuldade de entendimento e compreensão dos significados do que lêem e por não conseguirem fazer uma relação crítica das leituras feitas em relação ao contexto social em que se vive, por isto se tornou necessário que se refletisse melhor, sobre a necessidade de buscar um meio de se fazer uma interligação entre o conhecimento do dia a dia dos mesmos, com o aprendizado que adquirem a partir do conhecimento escolar.

Após o primeiro passo de conversar com todos os professores e os mesmos terem aceitado participar do projeto, a proposta seguiu-se com os alunos quanto à participação no projeto. Foi escolhida uma sala de aula para iniciar o projeto, a professora mesma foi até a sala escolhida e falou aos alunos sobre a importância do projeto leitura e como estes demonstraram interesse em melhorar a sua leitura e interpretação de textos, se comprometeram com o projeto e a cada dia se dedicavam mais.

Um dos fatores importantes é que a coordenação e direção também se comprometeram com o projeto, comprando os livros que eram indicados pelos próprios professores que escolhiam de acordo com a área do conhecimento. A direção comprou trinta e oito (38) livros do autor Laé de Souza, livros estes que traziam textos, contos engraçados, que prendiam o interesse dos alunos, ao final do projeto de leitura o autor mandava uma ficha para que os leitores dessem suas próprias opiniões sobre aqueles texto e descrevessem o que eles mudariam nos textos lidos, mudanças estas que seriam enviadas ao autor, o mesmo fez uma seleção destas redações e como prêmio aos autores dos melhores textos selecionados por ele mesmo, livros autografado para seis alunos. Isto fez com que as outras salas também se envolvessem no projeto.

O projeto contribuiu também, com o desenvolvimento da biblioteca pois até então a biblioteca tinha um número muito pequeno de exemplares, algumas campanhas de doação de livros haviam sido feitas, porém não tinham êxito, pelo fato de que para o incentivo à leitura, é necessário livros importantes que chamam a atenção, e na maioria das vezes os livros doados são livros que não despertam interesse nenhum no aluno, tendo em vista que grande parte das doações se dava porque o próprio dono não tinha gostado do livro.

E com isto o projeto começou a render pequenos frutos, e isto só aconteceu porque o projeto não foi nada imposto e sim um projeto flexível que ia se adequando de acordo com a necessidade. Isto não significa que não houve falhas durante o percurso do Projeto Leitura. Conforme relata a professora, houve diversas dificuldades para que se tornasse realidade, entre elas, a professora ressalta o fato da resistência de alguns professores que vieram oriundos de outros estabelecimentos de ensino e terem em sua maioria, já participado de projetos de leitura, que não haviam dado certo, não estarem na ascensão do projeto. Sem contar o fato de que alguns professores da área de Exatas não verem o ensino da leitura como uma responsabilidade sua, enquanto que os professores de Língua Portuguesa são extremamente cobrados quanto à leitura e escrita dos seus alunos sendo até responsabilizados pelos “fracassos” dos mesmos, e isto ausentava a responsabilidade dos demais professores de outras áreas.

O próximo passo foi pegar os textos produzidos pelos alunos e no final do ano, produzir um livro, foi planejado então em uma noite de evento na escola, o lançamento do livro, e era explícito a alegria estampada no rosto de cada aluno, funcionários, professores e coordenadores, por serem parte integrante do projeto. Durante dias, conta a professora, viu-se alunos por todos os lugares da escola com o livro na mão, lendo. Foram produzidos 500 exemplares, e todos foram vendidos, por um valor simbólico.

3.4 PROJETO LEITURA NO CEJA

Os materiais que são trabalhados no projeto leitura não são organizados apenas pelos professores, mas todos os funcionários sugerem textos, independente da função exercida pelo mesmo e também alunos participam da organização e

escolha dos assuntos a serem trabalhados no decorrer do segmento escolar sobre os mais variados assuntos; política, meio ambiente, alimentação, clássicos literários, fantasias, alimentação, através de livros, revistas, jornais entre outros, para que se possam atingir alunos com os mais variados gostos, já que os interesses variam de acordo com o objetivo e ponto de vista de cada um. Por isso a importância de que nada seja imposto ao educando:

As motivações para a leitura e os integrantes por ela diferem não só para os vários grupos de idade, mas também para cada tipo particular de leitor. A tipologia se baseia nas técnicas de leitura, na intenção da leitura ou na preferência por determinada espécie de material de leitura. (BAMBERGER, 2000, p. 35)

O projeto exige que se faça o momento de leitura ao menos duas vezes por semana, com 30 minutos cada período, portanto os profissionais são livres para realizá-los todos os dias. Após o momento de leitura cada educador tem o livre arbítrio a utilizar seu próprio método para que haja uma socialização dos alunos referente ao texto lido por cada um.

Através de pesquisa de campo, para a elaboração desta monografia no intuito de trazer informações pertinentes sobre o projeto, constata-se que o Projeto ainda tem continuidade, e ainda, o Centro de Educação de Jovens e Adultos Alternativo de Juína com o incentivo do Projeto Leitura, já produziu dois livros. A primeira edição do ano de 2009 da qual foram confeccionadas 500 cópias e todas vendidas quase que de imediato e a segunda edição do ano de 2010, teve uma tiragem de 650 livros o que demonstra um aumento significativo em relação ao ano anterior. Esses livros são a representação do que é o desenvolvimento e compromisso dos profissionais da educação e dos alunos que ali freqüentam, pois todo o seu conteúdo é composto por produções de professores, diretores, coordenadores, alunos, funcionários em geral.

Todos os funcionários são citados nos índices dos livros, todas as pessoas sem exceção são citadas, até mesmo os estagiários que ali realizam seus estágios tiveram seus nomes incluídos no livro.

Nas edições já lançadas são encontradas histórias das mais variadas, onde cada uma é considerada parte integrante da história do Centro.

Segue-se uma linha temática na produção anual do livro. Na primeira edição, os alunos foram incentivados a lembrar de histórias do município, até de alguns pioneiros. Na segunda edição, o tema foi a comemoração dos trinta anos de EJA em Juína.

É comum encontrar no livro relatos de alunos contando sua própria história como a de Dona Conceição de Lima, que relatou um pouco de sua dificuldade e persistência para conseguir a aprender a ler e escrever, e sua alegria por não precisar mais se identificar apenas por sinais digitais e sim conseguir assinar o próprio nome.

TEXTO N.º 45 DO LIVRO DE 2010

CONCEIÇÃO DE LIMA

Nasci em Minas Gerais, tenho 78 anos.

Na minha infância comecei a trabalhar aos sete anos, éramos pobrezinhos. Naquele tempo tinha que pagar para ter professora, só os filhos dos fazendeiros estudavam, não era como agora. Casei aos 17 anos, continuei a trabalhar na roça, mãe de 12 filhos, a vida foi muito sofrida. Comecei a viver depois dos 60 anos, aprendi a escrever meu nome e não preciso mais colocar o dedo pra assinar. Hoje às vezes fico com vergonha de estar estudando, mas estou muito feliz, em vista do que era, sou outra pessoa. Contas eram feitas tudo de cabeça, pegar uma caneta nem pensar. Agradeço a Deus por ter meus filhos e meus netos que me ajudam em tudo que preciso, sempre vem me trazer e me buscar para estudar. Sinto não ter estudado na infância, vejo as crianças indo para a escola acho muito bonito. Nesta idade deles ao irmos para a roça passávamos atrás de uma escola e ficávamos escondidos ouvindo o que a professora ensinava, quando chegávamos ao serviço eu e meus irmãos falávamos para nossa mãe o que aprendemos escondido, ela dizia: "Vocês sabem nada, vão trabalhar". Fazer o quê, não culpo meus pais porque eles não tinham condições mesmo de dar estudo, era tudo pago. Agradeço muito a Deus por estar aqui hoje com saúde e estudando¹.

Relatos como estes comprovam a importância da EJA, e ainda, a importância em promover a leitura e possibilitar a produção escrita, entre os ganhos, além da ampliação de conhecimentos em elementos textuais estruturais, a oportunidade de expressão.

Outros ainda, contam histórias de pessoas que fizeram histórias em nossa cidade, pessoas que de alguma maneira ficaram na memória da população por se preocuparem com o bem estar da sociedade como um texto composto por uma

¹ Conceição de Lima foi aluna da 2ª fase do 1º segmento, sala anexa ao Centro de Convivência Vó Paixão.

aluna, e que em poucas palavras, contou a história do Bispo Dom Franco Dalla Valle:

TEXTO Nº 10

BISPO DOM FRANCO DALLA VALLE

Uma data que ficou marcada na cidade de Juína foi quando a comunidade juinense perdeu o bispo Dom Franco Dalla Valle. Considerado um pai na igreja católica, ele conseguiu formar várias pastorais. Quando ele chegava às comunidades todo o povo se alegrava porque ele tinha um coração grande e sabia agradar a todos. Gostava de distribuir pirulitos para as crianças, tinha sempre uma palavra amiga. Quando se aproximava todos sentiam uma presença acolhedora, pois tinha um jeito especial de ensinar tanto os jovens, como crianças e adultos. Ele faleceu no dia 02 de agosto 2007 em Cuiabá. Foi trazido pra Juína na sexta feira, bem no dia do grande desfile da festa do peão de boiadeiro. O corpo chegou por volta das 13:30 h. O cortejo com o corpo passou pela praça com destino a catedral e ali foi velado por 3 dias. Muitas pessoas compareceram para o último adeus ao bispo. No domingo houve uma bonita e triste celebração e logo após Dom Franco foi sepultado. Passaram alguns anos, mas os Juinenses recordam sempre do grande homem que foi Dom Franco².

Encontra-se ainda nos livros uma sessão de poesias compostas por poemas e paródias produzidas pelos próprios alunos, e como boa parte dos alunos que compõem a família CEJA – Alternativo, são de donas de casa não podia ficar de fora a sessão de receitas culinárias, essas receitas que são postas nos livros antes de serem publicadas é feita uma seleção das mesmas onde cada uma faz um prato da receita escrita e é levada pra ser experimentada pelo grupo escolar.

Sabendo dos muitos problemas sobre leitura como já vimos anteriormente, onde mesmo sabendo da importância da leitura, na formação de um sujeito agente no âmbito social, que luta por seus direitos, que expõem sua opinião, que não aceita como verdade única tudo aquilo que lhe passam, e a leitura contribui na modificação do modo de ver o mundo, muitas vezes quem não lê, por não saber o que fazer pra ir em busca de seus objetivos, acabam cruzando os braços e optam em esperar que tudo aconteça por acaso do destino.

² Maria Aparecida de Lima na época cursava o Segundo Ano do Ensino Médio. O livro foi divulgado na Semana Literária 2009.

CONCLUSÃO

Este trabalho mostrou o quanto a leitura é importante para o desenvolvimento do cidadão no contexto social e que leitura não é apenas decodificar palavras, ou desfolhar um livro, e sim dar sentido a um objeto e até mesmo a uma ideia, ter um olhar crítico sobre o mesmo.

A responsabilidade em fazer com que uma pessoa se torne um leitor não pode ser apenas do professor, deve ser também da família e da sociedade, porém buscou-se enfatizar no presente trabalho monográfico o papel da educação escolar nesse processo. Muitas das vezes a família é tida como vítima, devido os problemas sociais e muitas vezes falta de amparo por parte dos governantes, e isenta desta função simplesmente por não saber a ler como se isto fosse papel apenas de pessoas formadas, pois mesmo os pais não sendo alfabetizados podem participar ativamente deste processo (ou ainda, têm a possibilidade de estudo mais facilmente na atualidade). O pai e a mãe pode não saber folhear um livro, mas pode pedir para que o filho o faça, e um filho ao ver o interesse dos mesmos, em escutar a leitura, poderá ver o quanto é importante a leitura em sua vida, e certamente isto contribuirá com na formação de leitores.

É importante lembrar que a leitura não pode ser vista como um fardo ou uma imposição, pois na vida é assim: ninguém gosta de fazer nada obrigado e quando tem a possibilidade de escola pode fazer por prazer. Assim se relaciona com a leitura, obrigar o aluno, sendo este criança, jovem ou adulto, a fazer textos e mais textos, diariamente, apenas para avaliá-lo nos erros ou no modo de ler, não fará com que torne-se um leitor, é preciso mostrar a importância, e a diferença que isto fará na sua vida profissional, pelo fato do mercado de trabalho exigir cada vez mais pessoas com capacidade crítica avançada. Esses são pontos fundamentais para motivação de leitores que podem servir como ferramenta, seja em Projetos Leitura ou não, na promoção de indivíduos críticos capazes de promover mudanças na sociedade.

Conclui-se que sendo a leitura de grande importância juntamente com os demais conteúdos ensinados nas escolas, e considerada por muitos como um ato social, é que a sociedade como um todo tem que estar incluída no processo educacional, ninguém pode esperar acabar os estudos para se ingressar no mundo

social , tem que sentir-se social ainda na escola, assim sendo não se sentirá excluído quando ingressar no mundo do trabalho.

O ensino não pode esperar o avanço Industrial e Tecnológico, para poder acompanhá-lo, ao contrário tem que estar sempre à frente como carro chefe do desenvolvimento, o sistema educacional de nosso país não deve estar em defasagem em relação a outros setores, mesmo sendo o sistema de educação nacional integralizado, uma escola não pode ficar esperando exclusivamente de ações do governo, é preciso investir em projetos educacionais em conjunto com todos os outros profissionais da escola, com a participação dos pais e sociedade local.

O Projeto Leitura do CEJA Alternativo, é um exemplo de que quando há um planejamento e que se trabalha com dedicação, respeitando o ponto de vista dos demais buscando uma flexibilidade, sem impor nada e sim mostrando a importância, os resultados são satisfatórios.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de. **Que livro indicar? Interesses do leitor jovem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979

ALMEIDA, M A . B. de. (Org.). **Vozes do Ceja**. Centro de Educação de Jovens e Adultos Juína-MT. 2009

ALMEIDA, M A. B. de. (Org.). **30 anos da EJA em Juína**. Centro de Educação de Jovens e Adultos. Juína, MT 2ª ed. 2010

Alternativo, Centro de Educação de Jovens e Adultos. **Regimento Escolar 2010**. Disponível em: <www.cejaalternativo.com.br>. Acesso em: 25, Nov. 2011

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. – São Paulo: Editora Ática S.A. 2000

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. – São Paulo: Cortez, 1991. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor; v.16

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. – São Paulo: Scipione, 2010. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

EJA, Cadernos. **Orientações Curriculares Nacionais, área de Linguagens e suas tecnologias**, Brasília: 2006 p.30

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. – São Paulo, 1996 (Coleção Leitura) 36ª edição

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/** São Paulo:Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura – Teoria & Prática**. Campinas, SP 10ª ed. Editora Pontes, 2004

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. – São Paulo: Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos; 74)

PCN, **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – 2 ed. – Rio DE Janeiro DP&A, 2000

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura:** ensaios. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. (Coleção Leituras do Brasil).

_____. **De Olhos Abertos.** São Paulo: Editora Ática S.A, 1991. - Reflexões Sobre o Desenvolvimento da Leitura no Brasil

_____. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura / 10ª ed. – São Paulo: Cortez; 2005

ANEXOS

Segue em anexo: A entrevista realizada e o projeto leitura.

ENTREVISTA

Questionário de pesquisa

1. Qual o motivo ou preocupação que despertou a idéia de elaborar o Projeto Leitura no CEJA Alternativo de Juína?
2. Houve alguma investigação com os alunos a cerca da aceitação da leitura proposta no projeto?
3. Quando teve início o Projeto Leitura?
4. A princípio qual foi a reação dos educadores do estabelecimento de ensino?
5. O projeto manteve-se conforme o planejado do início ou houve mudanças no decorrer do tempo?
6. Você considera que os resultados foram satisfatórios?
7. Como profissional da Educação, qual é o sentimento em relação às conquistas alcançadas?

**AJES – FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA E AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO
JURUENA**

**TRABALHO COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA DE
ELABORAÇÃO DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES DE
PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

Aluna: Iramaia Floripes Almici

**JUÍNA - MT
2011**

**AJES – FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA E AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO
JURUENA**

**TRABALHO COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA DE
ELABORAÇÃO DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES DE
PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

“Trabalho apresentado como avaliação
da disciplina de Pós-Graduação
em Língua Portuguesa.
Prof.^aMs. Denise Peralta Lemes.”

**JUÍNA - MT
2011**

1.Título: PROJETO DE LEITURA INTERDISCIPLINAR**2.Objetivo Geral:**

Oportunizar aos alunos Jovens e Adultos o acesso a leituras significativas que possibilitem a ampliação da competência interpretativa, superação de limites e aquisição de hábitos e prazer de leitura.

2.Objetivo Específico:

Incentivar a leitura e o contato com os livros.

Tornar a leitura um ato prazeroso.

Possibilitar a interação entre alunos adultos e seus filhos, através do projeto de leitura, para que este se torne um hábito familiar.

Promover a interdisciplinaridade no CEJA para a formação do aluno leitor.

3.Abrangência:

Este projeto será desenvolvido com todos os alunos, professores, funcionários e pessoas da Comunidade, que demonstrem interesse na leitura.

4.Período de Realização: Julho de 2008 a dezembro de 2009.

5.Justificativa

A relevância do Projeto Leitura Interdisciplinar, para o desenvolvimento do imaginário de alunos Jovens e Adultos, se evidenciou a partir de uma reunião com professores do CEJA, que salientaram imensa preocupação com alunos vindo de outras unidades escolares ou que, depois de anos fora do processo educativo, apresentam grande dificuldade de interpretação e produção textual.

Devido ao expressivo número de educandos que não têm condições de interpretar criticamente o que lêem, decorre a necessidade da criação de projetos de leitura para a construção e reprodução de significados, apropriação de cultura e desenvolvimento da linguagem para o pleno exercício da cidadania.

As dificuldades em interpretar o mundo, a partir de novo referencial dos textos trabalhados em sala de aula, e entre os saberes do senso comum e dos do mundo letrado, não se realizam de modo espontâneo, tornando-se imprescindível uma reflexão mais profunda para estabelecer essa conexão.

Segundo Paulo Freire, o ser humano começa pela leitura de si e do mundo, para depois proceder a leitura das palavras. Desse modo a compreensão dos textos, das palavras e das letras só tem sentido se houver contextualização com sua experiência de vida. Qualquer experiência de alfabetização desconectada com o mundo onde o alfabetizando estiver inserido não tem sentido para ele e cai no vazio. O momento de criar, de interpretar o mundo a partir de um novo referencial, são codificações ou ferramentas que representam a realidade. São leituras da leitura que o alfabetizando já fazia do mundo antes de aprender as palavras. Assim, a alfabetização é a criação ou a montagem na expressão escrita, da expressão oral. 'O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido.'

Com a leitura das palavras, o adulto dá sentido ao que lê e ao que escreve, interpreta aquilo que já conhece e, ao fazê-lo abre-se para o ato mágico de criar.

Nos tempos atuais, marcados pelos avanços tecnológicos e imediatismos de mandados pela rapidez que as informações são modificadas, percebe-se forte tendência à leituras rápidas padronizadas e superficiais, inviabilizando o poder reflexivo e criativo inerente da produção humana. Retomar as leituras mais complexas e significativas possibilitará a superação das limitações e superficialidade que os tempos atuais estão produzindo.

6. Metodologia

Com a participação de todos os professores, funcionários e alunos, serão organizados os materiais a serem trabalhados de forma a contemplar conteúdos, temas e assuntos de interesse dos alunos, relacionados a cada uma das áreas do conhecimento.

Os materiais específicos serão organizados por segmento/fases em armário próprio. Os materiais de assuntos comuns: mensagem de reflexão, curiosidades, saúde, esporte, alimentação, meio ambiente, e os livros do projeto Lendo na Escola do escritor Laé de Souza, serão organizados e identificados em pastas que ficarão a disposição de todos os envolvidos.

Os professores terão acesso aos materiais do Projeto e deverão utilizar pelo menos dois dias semanais, com 30 minutos de seu período de aula, para leituras de acordo com o interesse dos educandos.

Após a realização das leituras os educadores poderão utilizar-se de estratégias variadas para a socialização das mesmas com os alunos. Reproduzir por escrito, ilustrar, dramatizar e utilizar-se de outras formas de expressão que demonstrem o entendimento da leitura realizada.

As produções, além de serem enviadas ao projeto Lendo na Escola, poderão ser divulgadas no CEJA ou em veículo de comunicação local.

6.1.Organização

1. Formação de grupo de trabalho;
2. Divulgação do Projeto de Leitura;
3. Busca de parcerias públicas e privadas;
4. Listagem de livro, periódicos; revistas/jornais;
5. Separação do material por segmento/fase;
6. Divisão por área;
7. Condicionamento em espaço específico;
8. Montagem de estruturas para manuseio;
9. Elaboração das fichas de leitura
10. Preparação dos professores para a aplicação do Projeto;
11. Desenvolvimento do Projeto;
12. Momento de socialização do Projeto;
13. Análise de dados e publicação dos resultados esperados; da primeira etapa;
14. Retomada do Projeto.

6.2 Ação Diária

- 15. Os coordenadores são depositários;
- 16. Condicionamento e reserva por área do conhecimento 'CAIXAS LITERÁRIAS';

6.3 Metas propostas

- 17. Instigar o aluno a aumentar a sua percepção do mundo através da leitura;
- 18. Melhorar a capacidade interpretativa e de produção textual dos educandos;
- 19. Possibilitar a interdisciplinaridade para o desenvolvimento do projeto;
- 20. Aumentar o acervo bibliográfico do CEJA Alternativo;
- 21. Prever resultados das experiências diárias dos professores e alunos;
- 22. Publicação pelo grupo sistematizador;

7. Cronograma

ATIVIDADES	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	2009
Itens 1 e 2	X						
Item 3		X					
Itens 4 e 9		X	X				
Item 10			X				
Item 11			X	X	X	X	
Item 12						X	
Item 13						X	
Item 14							X

8. Resultados Esperados

O resultado do Projeto Leitura Interdisciplinar deverá ser avaliado processualmente a partir dos momentos de socialização, pois deles dependem os passos seguintes e os ajustes, aproveitando as próprias situações de aprendizagem.

8.Referências Bibliográficas

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

ROJO, Roxane. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula: Praticando os PCN's**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Aspectos Cognitivos da Leitura**. 10ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Série Educação em Ação. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.